

Noções de nacionalidade e raça em casos de doação de gametas: Alguns aspectos da experiência catalã

Rosely Gomes Costa¹

Resumo

O artigo faz parte de uma pesquisa comparativa entre Brasil e Catalunha que investigou o tema da reprodução entrelaçando questões relativas à 'raça', nacionalidade e tecnologias reprodutivas. Investigou-se o caso de reprodução assistida com doação de gametas, porque esta envolve a seleção e participação de uma terceira pessoa no processo reprodutivo. Como é feita essa seleção e o que ela pode dizer sobre noções referentes à raça e nacionalidade? Este artigo trata especificamente do caso catalão. Foram entrevistadas pessoas que estivessem procurando ou tivessem utilizado a técnica de doação de gametas e médicos de clínicas públicas e privadas de reprodução assistida na cidade de Barcelona na Catalunha. A pesquisa mostrou como raça e nação são noções que se constroem mutuamente. Isto é, tanto a raça pode definir a origem nacional, quanto a nação pode definir a origem racial. Cada nação (ou grupo de nações) aparece como tendo sua própria cultura e sua própria raça. O fenô-

¹ Pós-doutora em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pela Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha. Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX) da UNESP Campus Araraquara (SP).

tipo, que inclui a cor da pele, também funciona como indicador visível de origem estrangeira. Mas nos casos estudados de reprodução assistida, a origem se torna mais importante que o fenótipo, visto que este último pode mascarar a 'verdadeira origem racial'.

Palavras-chave: reprodução assistida, nacionalidade, raça, Catalunha.

Abstract

This article is part of a comparative research between Brazil and Catalonia that investigated the assumption of assisted reproduction, working on questions about 'race', nationality and reproductive technologies. It was investigated the case of assisted reproduction with gamete donation because it involves the selection and participation of a third person in the reproductive process. How is made this choice and how do this choice points to notions related to race and nationality? This article discusses specifically the Catalan case. It has been interviewed people that was looking for or has been using the technique of donation gametes and doctors of public and private clinics of assisted reproduction at the city of Barcelona in Catalonia. The research showed how race and nation are notions that construct each other. That is, so the race can define the national origin, as the nation can define the racial origin. Each nation (or group of nations) appeared to have their proper culture and race. The phenotype, that includes the skin color, also is a visible indicator of foreign origin. But, in the studied cases of assisted reproduction, the origin became more important than the phenotype, because the last one can hide the 'true racial origin'.

Key words: assisted reproduction, nationality, race, Catalonia.

Introdução

Reprodução assistida, nacionalidade e ‘raça’ são temas que raramente são tratados juntos. Porém, no caso de reprodução assistida com doação de gametas está envolvida a seleção e participação de uma terceira pessoa no processo reprodutivo. Como é feita essa seleção? Quais características físicas e morais as pessoas que procuram essa técnica de reprodução assistida desejam ver reproduzidas em seus filhos e, como, e em que medida, estas características apontam para noções referentes à raça e nacionalidade? Essa técnica estaria ou não sendo usada para afirmar ou para negar características tidas como raciais e nacionais?

Este artigo faz parte de uma pesquisa comparativa² entre Brasil e Catalunha que investigou o tema da reprodução entrelaçando questões relativas à “raça”, nacionalidade e tecnologias reprodutivas. Foram entrevistadas pessoas que estivessem procurando ou tivessem utilizado a técnica de doação de gametas (óvulos e esperma) e médicos de clínicas públicas e privadas de reprodução assistida nas cidades de Campinas e Ribeirão Preto (SP) no Brasil, e na cidade de Barcelona na Catalunha (Espanha).

Este artigo trata especificamente do caso catalão. Os dados foram coletados entre abril e setembro de 2004.

Não me dedicarei profundamente neste artigo à questão das novas tecnologias reprodutivas e do parentesco, por dois motivos: por ter tratado deste tema alhures, e por tornar o texto demasiado grande incluindo uma discussão tão longa. O aspecto central aqui abordado se refere às noções de nacionalidade e raça. Para discussões a respeito das novas tecnologias reprodutivas e parentesco conferir textos de minha autoria já

² Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

publicados (Costa 2002, 2003a, 2003b, 2004, 2006, 2007; Diniz & Costa 2006).

A Catalunha

A Catalunha espanhola está constituída pelas províncias de Barcelona, Tarragona, Lleida e Girona; sendo a cidade de Barcelona sua capital política e centro administrativo, pólo industrial e desenvolvido. Em um estudo realizado há mais de 10 anos sobre a identidade catalã, Cardoso de Oliveira (1995) enfatizava que Barcelona atraía imigrantes e se constituía em um caso específico de relação interétnica, porque ao mesmo tempo em que o nativo catalão sentia-se superior aos migrantes de outras regiões da Espanha – que iam para Barcelona principalmente em busca de trabalho e melhores condições de vida –, os catalães constituíam-se minoria oprimida pelo Estado espanhol, ao qual estavam politicamente submetidos.

O que se modificou na Catalunha, passados 10 anos, é que atualmente ela recebe em menor número imigrantes pobres vindos de outras partes da Espanha e em maior número imigrantes pobres vindos dos chamados países em desenvolvimento. Mesmo atentando-se a essa diferença, observa-se que a situação da Catalunha continua sendo específica, uma vez que possui por um lado autonomia administrativa e os catalães vivem internamente a situação de povo dominante frente aos imigrantes pobres; mas, por outro, os catalães vivem uma situação de dominação pelo Estado espanhol e por qualquer imigrante castelhano que seja parte da máquina administrativa espanhola.

O significativo aumento no número de imigrantes vindos de países pobres de fora da Comunidade Européia (chamados de extracomunitá-

rios) interferiu nas reivindicações catalãs sobre sua independência do Estado espanhol e na sua constituição como nação com sua língua própria, costumes, tradição, história e cultura. Implicou também em outras mudanças que serão discutidas adiante.

Segundo a história oficial³, a origem da Catalunha se remete ao século XII quando apareceu pela primeira vez a designação *Catalonia*, quase paralela ao uso do catalão como língua escrita.

Restringindo-nos à história mais recente temos que, com a derrota na Guerra Civil (1936-1939) e o advento da ditadura do General Franco (1939-1975) todos os direitos e as instituições catalãs foram abolidos. Muitos catalães foram para o exílio, quaisquer manifestações de catalanidade – incluindo falar catalão em público – podiam ser punidas com prisão, e todos os símbolos de catalanidade foram perseguidos.

A partir da década de 1960 a economia e a sociedade catalãs sofreram profundas transformações. Com a promulgação do Plano de Estabilização, em julho de 1959, o regime de Franco abandonou o modelo autárquico e intervencionista vigente desde 1939. A liberalização do comércio e do regime de inversões estrangeiras e o restabelecimento do mercado livre de divisas se produziram em um momento de expansão da economia européia. A Catalunha viveu um crescimento econômico sem precedentes. A consolidação da diversificação industrial converteu a indústria catalã na principal provedora de bens de consumo para o mercado espanhol.

As mudanças econômicas e a crise irreversível da agricultura geraram importantes correntes migratórias no Estado espanhol. Das zonas deprimidas economicamente partiram emigrantes com diferentes desti-

³ Pode-se saber mais sobre a história da Catalunha acessando o site da *Generalitat* (www.gencat.net) ou através dos livros *Història de Catalunya: història i memòria*, editado pelo Museu d'Història de Catalunya em 1998, ou ainda o do antropólogo Llobera (2003).

nos: Alemanha e outros países europeus, País Basco, Madri, País Valenciano e, sobretudo, Catalunha. Em poucos anos milhares de imigrantes chegaram à Catalunha: andaluzes, castelhanos, estremenhos, murcianos e galegos.

A transição democrática iniciada com a morte do General Franco em 1975 significou para a Catalunha o retorno de sua autonomia e de suas instituições de governo. O restabelecimento da *Generalitat* em 1977, a aprovação da Constituição espanhola em 1978 e o Estatuto de Autonomia da Catalunha de 1979 são momentos cruciais de um processo que culmina com as eleições para o segundo Parlamento catalão contemporâneo em 1980, com Jordi Pujol eleito presidente da *Generalitat*. Pujol foi reeleito em 1984, 1988, 1992, 1995 e 1999, convertendo-se em chefe de um organismo executivo europeu que teve mais tempo de permanência ininterrupta no cargo.

Jordi Pujol se transformou em um líder nacionalista importante da Catalunha e referência da luta pela catalanidade. É sua uma frase famosa, citada por estudiosos e muitas vezes repetida pelos catalães de que: “Catalão é todo aquele que fala o catalão, que vive e trabalha na Catalunha”.

O Artigo 1º do Estatuto de Autonomia de Catalunha reza que: 1. A Catalunha, como uma nacionalidade e para aceder ao seu autogoverno está constituída como comunidade autônoma de acordo com a constituição e com o presente estatuto, que é a sua norma institucional básica; 2. A *Generalitat* é a instituição em que se organiza politicamente o autogoverno da Catalunha; 3. Os poderes da *Generalitat* emanam da Constituição, do presente Estatuto e do povo.

Conforme o Estatuto de Autonomia de 1979, o catalão é a língua oficial da Catalunha, assim como o castelhano. Segundo a *Generalitat* o castelhano tem implantação no mesmo território por razões sociais, culturais e políticas e, ainda, considera que há plena convivência lingüística

na Catalunha, fruto de um processo de normalização iniciado depois do restabelecimento da democracia e da autonomia. Por seu lado, o Parlamento Europeu aprovou em 1990 uma Resolução que reconhece a identidade, a vigência atual e o uso da língua catalã no contexto da Comunidade Européia.

A normalização lingüística presente na Catalunha é um esforço por estender o uso da língua para os domínios formal e informal, implementando esforços e investindo recursos em TVs, rádios, traduções de livros e placas de estabelecimentos em catalão, financiados pela *Generalitat*.

Para os catalães a língua é tanto um símbolo quanto um instrumento essencial para a difusão e expressão de sua cultura. Segundo Almirall, ideólogo do catalanismo: “A forma de expressar idéias corresponde à maneira de concebê-las” (apud Llobera 2003:105). Assim, a nacionalidade converte-se na essência do ser, pois a língua definirá toda maneira de ser e pensar da pessoa.

Guibernau (1997) classifica o nacionalismo catalão como um nacionalismo romântico. Segundo a autora, a convicção primordial do nacionalismo romântico é que a cultura, um estilo de vida especial e as instituições sociais mais importantes são essencialmente formados e moldados pela nação. São expressões de uma força unitária em geral relacionada com a alma, a mente ou o espírito de um povo. Refletindo a unicidade de uma nação, uma língua é encarada como a forma de expressão de um modo particular de ver a vida e o mundo. E, ao lado de um interesse pela língua, emerge ainda um interesse específico pela história, um passado glorioso, mito de origem, costumes, estilos de vida e idéias de um povo específico. A autora considera que:

[...] o nacionalismo romântico teve um efeito profundo na Catalunha. Enquanto as invasões napoleônicas haviam gerado sentimentos de patriotismo tanto catalão como espanhol, na década de 1840

historiadores românticos passaram a glorificar o passado catalão. Seguiu-se logo, entre 1833 e 1866, uma tentativa intelectual de revitalizar a cultura catalã e a língua conhecida como *Renaixença*. (Guibernau 1997:65)

Llobera (2003) considera que a consciência nacional, no sentido moderno do termo, está presente na Catalunha desde mais ou menos um século. Está comumente aceito que, como uma doutrina coerente, a ideologia nacionalista catalã foi formulada no período compreendido entre a publicação de *Lo Catalanisme* (1886) de Almirall e *La nacionalitat catalana* (1906) de Prat de la Riba. As duas obras representam, de maneira diversa, um período em que a identidade nacional catalã vai ser formulada com base na idéia de espírito nacional. A obra de Almirall vai ser a primeira que vai articular toda uma série de citações literárias, historiográficas e filosóficas da unicidade da Catalunha, em um esquema bem formulado baseado na existência de um caráter catalão distinto, oposto ao castelhano.

Se o livro de Almirall assinala o começo de uma era de lutas ideológicas e políticas com o objetivo de constituir o catalanismo como uma força que deveria ser levada em conta dentro do Estado espanhol, o livro de Prat de la Riba era a culminação e síntese de todo esse período. O catalanismo passa de um credo minoritário a um veículo geral de protesto. Os ideólogos do final do século XIX e começo do XX consideravam como os dois traços distintivos e importantes do caráter catalão o sentido comum e a laboriosidade. Através deles explicavam o alto grau de desenvolvimento econômico, social e cultural do país (a industrialização, o Modernismo, etc.), em oposição ao Estado espanhol. Esses ideólogos enfatizavam que para os castelhanos (ao contrário dos catalães) o trabalho e o esforço eram considerados uma desgraça, que estes acreditavam mais na sorte que no esforço, eram orgulhosos, fanáticos e pouco

empreendedores. Da obra de Almirall pode-se esboçar um quadro das oposições binárias dos traços do caráter catalão e castelhano. Enquanto para ele os castelhanos eram: generalizadores, imaginativos, formalistas, idealistas, autoritários e centralizadores, os catalães eram analíticos, reflexivos, positivistas, materialistas liberais e particularistas.

O levantamento acima sobre a idéia de nação e povo catalão procurou recuperar os valores e os traços de identidade nacional que possam também estar presentes nos relatos das mulheres e do pessoal médico por mim entrevistados.

O pessoal médico

Entrevistei o médico responsável pela clínica de reprodução assistida de um grande hospital público de Barcelona e uma das biólogas da maior e mais conhecida clínica privada de reprodução assistida da cidade⁴.

No hospital público, depois do estudo da compatibilidade sanguínea, a seleção da doadora era inicialmente feita através da análise de fotos da receptora e da doadora em busca das semelhanças fenotípicas. Porém, já não há mais essa necessidade porque o médico disse conhecer as mulheres:

Como isso sou eu que faço e como conheço todas, tanto doadoras como receptoras, antes tinha fotos, mas como as vejo com muita freqüência sei como são. Então tento que uma mulher baixinha, morena e de olhos escuros não tenha uma doadora loira, alta e de olhos azuis porque isso chamaria muito a atenção.

⁴ Refiro-me aqui e adiante apenas à doação e recepção de óvulos, já que não foi possível contatar casos de doação e recepção de sêmen.

A semelhança fenotípica é uma exigência legal, mas também é um desejo das pacientes. Porém, essa busca pela semelhança fenotípica está muito restrita no hospital público porque há poucas doadoras.

O médico afirma que na hora dele escolher a doadora, “fenotipicamente poucas coisas são importantes”. Entre essas “poucas coisas” estão a cor dos olhos e a cor do cabelo, e ele procura saber qual é a verdadeira cor do cabelo porque muitas mulheres têm o cabelo tingido, e então pode acontecer algum equívoco. Ele considera a altura uma variável a se ter em conta, mas pondera que:

Entre a população espanhola não há muitas diferenças de altura, pode estar entre 1,60m e 1,75m de altura. Então não me preocupa que a doadora seja uma mulher de 1,68m e a receptora uma mulher de 1,72m de altura, a diferença é mínima.

Neste ponto percebe-se que o médico está trabalhando com a idéia de doadoras e receptoras espanholas. Assim, embora ainda se preocupe em compatibilizar cores de olhos e cabelos, altura, etc., considera que não haverá muitos problemas porque não há tantas diferenças entre as mulheres espanholas. Quando introduzo a possibilidade de doadoras e/ou receptoras não espanholas surge a questão da “raça”:

O que nós somos muito rigorosos é que os traços da doadora coincidam com os traços de raça da receptora, isto é, mulheres caucasianas são sempre receptoras de doadoras caucasianas. Temos casos de mulheres de origem latino-americana, com traços indígenas, e elas estão à espera que venha alguma doadora com os mesmos traços, nunca cruzamos doadoras de raças diferentes.

As categorias de raça com as quais o médico trabalha são:

A caucasiana, as mulheres de origem asiática, de origem indígena sul-americana (com traços indígenas), as mulheres de raça negra.

Segundo o médico é muito importante não “cruzar doadoras e receptoras de raças diferentes” porque isso é a única coisa que as receptoras não aceitam. Comenta que elas sempre perguntam sobre isso, que essa é a grande pergunta que fazem, antes mesmo de perguntarem sobre os procedimentos médicos pelo quais terão que passar para receber os óvulos:

As pacientes me perguntam: ‘Doutor, o senhor me assegura que não me vai me colocar óvulo de uma mulher de raça indígena, por exemplo?’ Temem, sobretudo, porque na Espanha está se produzindo um fenômeno que já ocorreu no resto da Europa há alguns anos que é o da imigração. E aqui a maioria procede do Equador, do Peru, da América do Sul. Então elas temem que alguma mulher procedente desses países, alguma mulher com traços fenotípicos indígenas seja a doadora, e não querem. Depois, curiosamente, quando vão adotar, não têm nenhum problema de ir a países estrangeiros, América do Sul ou China, e claramente essas crianças têm traços que não tem nada que ver com a raça dos pais.

Assim como as receptoras de óvulos entrevistadas, o médico aponta para a questão do aumento da imigração extracomunitária nos últimos anos na Espanha. Como será visto adiante, o medo específico em relação a doadoras vindas do Peru e Equador – identificadas com traços indígenas – pode estar associado ao maior número de imigrantes mulheres vindas justamente desses países.

Segundo o médico, ele nunca recebeu nenhum comentário por parte das receptoras sobre a preferência da doadora ser catalã: “Sendo caucasiana está bem”.

A bióloga da clínica privada disse que depois do estudo da compatibilidade sanguínea, a seleção da doadora é feita através da análise de fotos da receptora e da doadora em busca daquela mais semelhante fisicamente. A semelhança fenotípica, além de uma exigência legal, é um desejo das pacientes, segundo a bióloga. Os casais querem que a doadora seja parecida com a receptora porque normalmente não dizem que a criança é de doação de óvulos, buscam ocultar da família e amigos.

A seleção da doadora é feita pela bióloga. Ela disse que entrevista a receptora e a possível doadora separadamente, que olha e anota o tamanho da mulher, a cor dos olhos, a cor da pele, o tipo de cabelo, e que pergunta qual é a verdadeira cor dos cabelos porque muitas mulheres têm os cabelos tingidos. Também pergunta sobre a nacionalidade dos pais e avós, justificando que é preciso saber também sobre os ancestrais porque suas características físicas podem se manifestar na futura criança:

Uma mulher do seu país, por exemplo. Posso ver que ela é clara e loira, mas como veio do Brasil eu pergunto sobre a raça e cor da pele dos pais e avós, porque pode ser que ela tenha um avô ou avó negra e que a cor pulasse alguma geração, mas depois voltasse a se manifestar na criança nascida através da doação de óvulo.

Ao contrário do hospital público, na clínica privada há mais oferta de óvulos e a seleção pode ser mais precisa. E, por pagarem valores altos pelo tratamento os casais estão menos dispostos a aceitar o que vier. A bióloga enfatiza a importância da semelhança fenotípica e a necessidade de selecionar doadoras que sejam da mesma raça que as receptoras para não gerar problemas de rejeição da criança.

As categorias de raça com as quais a bióloga trabalha são: caucasiana, negra, oriental e indígena.

A bióloga também nunca recebeu nenhum comentário por parte das receptoras sobre a preferência da doadora ser catalã: “O importante para elas é que seja da mesma raça e parecidas fisicamente”.

O que se observa é que a lei, ao estabelecer o sigilo da identidade da doadora e ao colocar nas clínicas/equipe médica a responsabilidade pela escolha da doadora mais adequada a cada receptora – com semelhanças físicas e imunológicas – faz com que essa seleção passe pelas noções relativas à raça que têm esses profissionais⁵. Evidencia-se nesses casos a intersecção entre as noções de raça e de nação, sendo que determinada raça é alocada a determinadas nações, e o pessoal médico torna-se responsável por não misturar as raças.

Assim, nas falas, considera-se que as espanholas são muito parecidas entre si, as catalãs e as espanholas são classificadas como caucasianas, as brasileiras como negras e as peruanas como indígenas. Estas duas últimas, ainda que fenotipicamente sejam “claras e de olhos azuis” trazem a possibilidade (o risco) de carregarem uma herança genética mesclada. Ao que parece, o fenótipo pode escamotear a “verdadeira origem”, a mistura ancestral, da mesma forma que um cabelo tingido pode escamotear a “verdadeira cor do cabelo”, embora este último caso pareça ser menos grave.

Informação de outra pesquisadora⁶ me revelou que uma equatoriana branca, loira e de olhos azuis não foi aceita como doadora nesta clínica porque, vinda deste país, algum resquício de traço indígena haveria de ter, e eles não necessitavam no momento de doadoras com essas características físicas.

⁵ No caso do médico entrevistado é uma escolha ainda mais pessoal, já que conhece todas as mulheres (doadoras e receptoras) e nem precisa de fotos para fazer a seleção.

⁶ Diana Marre, integrante do projeto de pesquisa *Public Understanding of Genetics*, em discussão de grupo.

A idéia da aparência física como podendo escamotear a herança genética, a ‘verdadeira origem’, remete a idéias referentes à pureza de sangue e à mestiçagem como um agente poluidor. Nessa perspectiva, a idéia de pureza de sangue caminha em uma só direção, isto é, a pureza de sangue pode ser contaminada pelo sangue impuro, mas o sangue impuro não tem a propriedade de purificar-se completamente, por mais misturas que possam ocorrer, independente da atual aparência física. Nos Estados Unidos essa concepção recebeu a denominação de ‘regra da gota de sangue’, que estipula que as crianças mestiças são classificadas, por convenção, segundo a raça ancestral (ou histórica) do genitor que pertence a uma minoria racial. Assim, se um indivíduo possui o menor traço de ascendência negra recuperável, ele é considerado negro (Hirschfeld 1999).

A preocupação da bióloga aponta justamente para o medo da ‘gota de sangue’ não caucasiana estar presente em uma doadora com aparência de caucasiana. A aparência pode enganar, mas não a essência. Na doação de óvulos, em um processo circular, busca-se a aparência semelhante da doadora para enganar a essência (que não é a da receptora), mas essa essência, por sua vez, precisa ser similar a da receptora.

A classificação das espanholas e catalãs como caucasianas aponta para uma questão importante, já que do ponto de vista de outros países do Norte da Europa estas podem ser classificadas como “mediterrâneas”. Na hierarquia dentro da própria União Européia – entre países mais ricos e desenvolvidos do Norte e menos ricos e desenvolvidos do Sul – a classificação “caucasiana” pode servir para aproximar o Sul do Norte.

As receptoras

Foram entrevistadas nove mulheres que haviam recebido óvulo doado. Três já haviam tido uma criança, quatro estavam grávidas do primeiro filho e duas do segundo filho fruto de óvulo doado. A idade das mulheres variava entre 35 e 42 anos, elas moravam em Barcelona ou nas cidades próximas, estavam casadas no mínimo há nove e no máximo há 14 anos e tinham nascido na Catalunha. Apenas uma não tinha nível universitário. Duas eram professoras do ensino fundamental, uma do ensino universitário, uma advogada, uma tinha seu próprio negócio e quatro não estavam trabalhando fora de casa no momento da entrevista. Todas as entrevistadas foram contatadas através da clínica privada a que tive acesso. Algumas haviam tentado o hospital público anteriormente, mas não conseguiram nenhuma doadora para levar ao hospital, ficando assim impossibilitadas de receber doação. Junto ao hospital público, infelizmente, não consegui nenhuma paciente para ser entrevistada.

(a) Sobre a identidade nacional catalã

Justamente porque consideravam que catalãs e espanholas são parecidas fisicamente – uma vez que são todas consideradas caucasianas – as entrevistadas não faziam questão da doadora ser de nacionalidade catalã, desde que fosse fisicamente parecida com elas. Aceitavam então que fossem espanholas ou de outros países da Comunidade Européia, já que “somos todos parecidos fisicamente”. A preocupação era receber óvulos de mulheres de países caracterizados por traços fenotípicos considerados muito diferentes, como era o caso da China, de países da África ou da América do Sul. Uma preocupação notória era com o fato da doadora ter

traços indígenas, o que era associado principalmente às imigrantes vindas do Peru e do Equador:

Eu perguntei ao médico se a doadora não era peruana, pois sei que tem muitas por aqui agora querendo doar óvulos. Eu queria que ele me garantisse que não ia pegar óvulos de uma peruana para colocar em mim.

A semelhança fenotípica é desejada pelas receptoras, mas tem que ser negociada com as possibilidades reais de doadoras. Certamente as clínicas privadas possuem mais doadoras que o hospital público, mas nem estas garantem uma doadora 100% parecida com a receptora. Assim, detalhes como cor dos olhos ou cor do cabelo podem ser negociados; mesmo porque, quando a criança nasce, as semelhanças também são buscadas e estabelecidas com o pai e outros parentes, ampliando as possibilidades. Porém, considera-se que uma doadora completamente diferente da receptora, isto é, de outra raça, impossibilita o estabelecimento dessas semelhanças. Com a doação de óvulos considera-se que há o risco da criança ser parecida com a doadora e nada parecida com o pai ou com a receptora. Mas é uma questão de probabilidade e, por isso, busca-se uma doadora parecida fisicamente.

Quando perguntadas se desejavam que a doadora fosse catalã, as entrevistadas manifestaram um consenso de que isso não era tão importante uma vez que a nacionalidade catalã não é para elas tanto uma questão de sangue, mas de cultura. Julgavam que mais importante que o sangue na constituição da identidade catalã era falar o catalão e seguir costumes, tradições e maneiras de ser que acreditam caracterizar o povo catalão. Algumas enfatizaram que a Catalunha sempre foi uma terra que recebeu muita gente de fora, que teve muita mistura, e que o importante é saber manter a identidade nacional apesar disso. Outras disseram que

seus próprios avós não eram catalães, que seu sobrenome não é catalão, mas que elas eram catalãs porque falam o catalão e pensam e vivem como catalãs:

Minha avó era de Toledo, não era nem catalã. E talvez a avó da avó de minha avó era da França, sei lá. O que conta mais é que quando você está aqui você aceite a forma de viver daqui, e que seja coerente com a forma de ser daqui. Isso é mais importante do que qualquer outra coisa, do que o sangue.

A gente aceita bem quem fala catalão, porque falar o catalão quer dizer que aceitou como nós somos. Porque só viver aqui e aceitar as mínimas normas sociais não é suficiente. No momento em que você fala o catalão é que você aceitou uma coisa básica nossa, e atrás da língua há todo um pacote de coisas, porque a língua não vai nunca sozinha, vai com tudo o que tem ao redor. Quer dizer que você entende como pensamos, como somos, está aceitando mais coisas que apenas a língua. Quer dizer que se você aceita a língua você já está culturalmente integrado aqui.

Assim, a nacionalidade catalã aparece como sendo uma adscrição voluntária, não de nascimento, e aceita-se todo imigrante que tenha o desejo de fazer parte da nação catalã, isto é, que queira falar o catalão e viver como um catalão. Por outro lado, há reações que vão desde reserva até certo rancor contra aqueles imigrantes que não procuram se adaptar:

Uma coisa que nos molesta um pouco a nós os catalães é como essa senhora que vem aqui fazer a limpeza: ela está aqui praticamente toda sua vida e não fala catalão. Vive em um bairro onde se juntou muita gente que veio da Andaluzia e, portanto, não necessitou mudar de língua. Tampouco culturalmente... É verdade que absorveu costumes daqui, porque é normal, mas também tem ainda

muitos costumes de lá, que também está bem, mas que às vezes parece que fazem de propósito. E se vem viver aqui, como nós temos muito sentido de país... pois se vai viver na França mas eu sigo comendo como aqui e não como fazem os franceses e não falo como os franceses, então por que mudou de país? Mas como não somos um país reconhecido como país temos essa coisa dupla, que quando as pessoas de outros lugares da Espanha vem para cá consideram que continuam estando na Espanha e por isso não tem que mudar absolutamente nada. Mas os daqui temos a convicção de que somos outro país e, portanto, se você vai viver na Inglaterra, ainda que tenha coisas da comida deles que você não goste, você vai acostumando a cozinhar e a comer a comida deles, a falar a língua deles e a se expressar como eles.

Nesta fala, a referência são os imigrantes vindos de outras partes da Espanha que não consideravam que haviam mudado de país e, portanto, seguiam falando o castelhano e seguindo seus costumes. É essa falta de percepção/aceitação de que estão em outro país e a falta de empenho em se integrar que são percebidas como ameaçando a identidade nacional catalã⁷.

A integração dos traços culturais diz respeito à língua, assim como a certas tradições, festas, comidas, danças, forma de se expressar, de reagir e até de pensar. Nesse sentido algumas entrevistadas fizeram referência aos dois traços de caráter considerados tipicamente catalães⁸: o *senye* e a *rauxa*. Apesar delas considerarem que podem ser perigosos se tomados como estereótipos dos catalães, afirmam que tais traços definem muito

⁷ Nessa fala, inclusive, a imigração aparece como uma opção de vida, e não como decorrência da falta de condições de vida do imigrante no seu lugar de origem.

⁸ O *senye* e a *rauxa* são considerados traços diacríticos do caráter catalão entre ideólogos da catalanidade do final do século XIX e começo do XX como Almirall, Ferrater Mora, Prat de la Riba, Vicens I Vives.

do caráter catalão. O *seny* diz respeito ao raciocínio, à organização, à ponderação, à negociação, à seriedade, à política, à contenção de sentimentos e emoções. Já a *rauxa* é o lado explosivo, visceral, sentimental, impen-sado.

Na definição de uma das entrevistadas temos que:

Em princípio somos bastante cerebrais, neste sentido somos mais do Norte, mais perto dos do Norte da Europa do que do Sul, mas também somos um pouco... o coração nos faz perder o *seny*, o que chamamos de *rauxa*, nos colocamos um pouco nervosos e somos viscerais. Somos muito do *seny* para o dinheiro, a economia, a organização. Assim, se você fala catalão e vive aqui, bom, vamos te considerar catalão. Mas há momentos quando há coisas que nos incomodam muito e que nós defendemos sem pensar muito, nos aborrecemos muito, ficamos bravos. Levamos muito a sério coisas que para outras pessoas não é tão sério, como isso da língua, do futebol⁹. Levamos isso muito a sério e defendemos de uma maneira muito mediterrânea. É a parte mais mediterrânea que temos de dizer as coisas mais visceralmente. Mas em geral domina mais o *seny*, nós sentamos e planejamos. Fazemos muita política, muito pacto. Por exemplo, queremos tudo isso, mas em troca disso nos dão isso, eu te dou dois votos e você me dá um pouco mais de liberdade para que eu faça o que quiser nas escolas. Suponho que o *seny* é um pouco o raciocínio, é pensar muito nas coisas, pensar os prós e os contras.

Considera-se que o que prevalece no caráter catalão é o raciocínio, a organização, a ponderação, a negociação, a seriedade, a política, a con-

⁹ A entrevistada se refere ao time de futebol do Barcelona, que durante a ditadura militar do General Franco oferecia uma das poucas possibilidades de manifestação pública do nacionalismo catalão através do esporte.

tenção de sentimentos e emoções. Embora esses traços sejam caracterizados como constituindo o *seny* tipicamente catalão, eles também aparecem associados aos países do Norte da Europa, evocando a imagem conhecida da fleuma dos do Norte. Por outro lado, também caracteriza os catalães reações mais emocionais quando enfrentam situações que os deixam com raiva; são reações que não vêm mais do cérebro, mas do coração, das vísceras; são arrebatamentos. Da mesma forma, embora esses traços sejam caracterizados como constituindo a típica *rauxa* catalã, eles também aparecem associados aos países do Sul da Europa, evocando outra imagem também conhecida do sangue quente mediterrâneo.

Observa-se assim que a questão do nacionalismo catalão também passa pela hierarquia entre os países do Norte e do Sul da Comunidade Européia, onde, aparentemente, os catalães ocupam uma posição intermediária: não são tão cerebrais quanto os do Norte, mas não são tão viscerais quanto os do Sul. O mesmo poderia ser dito em relação à economia e ao desenvolvimento: não são tão ricos e desenvolvidos como os países do Norte, nem tão pobres e pouco desenvolvidos (comparativamente aos do Norte) quanto os do Sul.

Mas, com o aumento da imigração extracomunitária nos últimos anos, a ameaça à identidade nacional catalã é percebida como vinda também de outros países cujas diferenças culturais são ainda mais acentuadas. Enquanto a imigração extracomunitária era pequena, a percepção da ameaça também era, visto que um número menor de pessoas é mais facilmente integrado à cultura. Porém, a percepção de um aumento muito rápido e significativo no número desses imigrantes leva à idéia de que é muito mais difícil integrar na cultura catalã um número tão grande de pessoas, e muito mais fácil que a identidade catalã seja diluída e perdida:

Agora temos cada vez mais imigrantes, sobretudo marroquinos, muçulmanos, sul-americanos. Acho que sobretudo a sensação é de medo, porque veio muita gente de uma vez só e de repente. Acho que gente negra, no campo, faz muitos anos que tem, mas havia poucos, e os poucos iam se integrando e falando catalão. Iam chegando de dois em dois ou de três em três, e iam se integrando. O problema de preconceito que teve aqui é que de uma vez chegaram 100 mil muçulmanos, que além do mais se vestem de maneira diferente, e vivem em seus próprios bairros, porque tem que buscar bairros que sejam mais acessíveis economicamente, ficam todos juntos, continuam falando sua língua. As pessoas têm medo porque são muitos, temos um medo irracional quando vemos muita gente junta de outro país. E as pessoas já desde o começo se colocam bastante na defensiva.

Na hierarquia de países do Norte e do Sul parece que apenas recentemente, com as normatizações relativas à Comunidade Européia, é que a Catalunha (e a Espanha) conseguiu aproximar-se mais dos países ricos:

Antes os espanhóis, os catalães, consideravam que quem vinha do Norte da Europa era melhor que nós, agora como estamos nos aproximando social e economicamente já podemos ter um tratamento mais de igual para igual. Agora se vem um inglês aqui já não consideramos que é uma pessoa melhor que nós, não vem de um país melhor, vem de um país bastante igual, não o consideramos mais tão superior a nós. Ainda temos essa coisa meio inconsciente de que se vem do norte da Europa são um pouco melhores que nós, são países que estão mais adiantados, só porque são mais ricos que nós. Mas cada vez menos porque aqui nos vamos assimilando bastante.

Não deixa de ser interessante o uso de uma palavra usualmente reservada aos imigrantes para referir-se aos catalães: assimilação. Assim, mesmo os catalães têm que se assimilar aos países mais ricos do Norte afastando-se, conseqüentemente, dos países pobres do Sul.

Identidade nacional, imigração e raça

A idéia do nacionalismo catalão como cultural e inclusivo – que pode ser resumida na frase “é catalão quem fala a língua catalã, vive e trabalha na Catalunha”, aponta para a identidade nacional catalã como uma adscrição voluntária e não como uma adscrição por nascimento (Juliano 1987). Na adscrição por nascimento considera-se que a identidade do grupo não é perdida nunca, passando intacta de pais para filhos, seja qual for a circunstância em que estes se encontrem. Na adscrição voluntária, ao contrário, os desejos de participação e adaptação são considerados suficientes para pertencimento ao grupo, e a identidade só é garantida pela convivência dos imigrantes no território que os acolheu, podendo ser perdida. Implica na vontade do imigrante de integrar-se ao grupo, e também na passagem de estrangeiro a nativo, possibilidade inexistente nos casos de adscrição por nascimento.

Durante a ditadura do General Franco houve um aumento significativo de imigrantes na Catalunha vindos de outras partes da Espanha. Entre 1951 e 1970, 1,16 milhão de imigrantes chegaram à Catalunha vindos principalmente da Andaluzia. Em 1965 a imigração era responsável pelo crescimento de 65% da população da Catalunha, enquanto o crescimento natural era de apenas 35%. Em 1970, 37,69% da população catalã tinha nascido fora da região e, em 1975, os imigrantes chegavam a 39% da população de Barcelona. Os imigrantes tinham uma taxa de

natalidade superior aos nativos, de modo que sobrepujam o seu número. Há quem considere, inclusive, que essa imigração fazia parte da política do General Franco para enfraquecer o nacionalismo catalão (Conversi 1997).

Segundo Conversi (1997), devido à tradicional capacidade catalã para absorver imigrantes, os líderes catalães nunca se interessaram em criar barreiras entre imigrantes e nativos. O problema principal não eram os imigrantes, mas a relação com a Espanha, que ameaçava a identidade catalã. E, devido à importância dada à língua, a questão da raça nunca teve destaque na composição do nacionalismo catalão, como aconteceu no caso Basco¹⁰.

O autor informa que nos anos de 1960 Jordi Pujol, presidente da *Generalitat*¹¹, tinha um programa político que consistia na incorporação lingüística dos imigrantes, com a aquisição do catalão como um degrau natural que levava à sua aceitação no país anfitrião. Para Pujol, o principal problema da imigração era a integração e seu objetivo básico era construir uma comunidade válida para todos os catalães. Considerava catalão todo aquele que falava a língua catalã, que vivia e trabalhava na Catalunha, que fazia da Catalunha sua casa e seu país, com o qual se incorporava e se identificava. Segundo Pujol, a língua é o fator decisivo de integração, é o mais definitivo, pois “um homem que fala catalão e que fala catalão com seus filhos, já é um catalão em seu coração”.

¹⁰ Embora ultimamente o nacionalismo basco não se assente mais tão fortemente na questão da raça, esse foi o traço realçado na identidade basca. Para maiores detalhes conferir Conversi (1997).

¹¹ A *Generalitat* é responsável pelo poder legislativo na Catalunha, tem função regulamentária e executiva. A *Generalitat* tem o direito de estabelecer políticas próprias aplicáveis dentro de seu território e com preferência sobre qualquer outro.

Assim, a estratégia catalã foi adotar critérios como a língua e a residência, deixando de lado critérios como a hereditariedade na definição de pertencimento de novos membros da nação catalã.

De fato, como foi visto nas entrevistas, a falta de empenho por parte desses imigrantes em se integrarem à cultura catalã – avaliada em primeiro lugar como a falta de empenho em aprender e usar a língua catalã – foi uma das reclamações mais recorrentes.

Porém, até aqui estamos nos referindo à onda migratória procedente de outras regiões da Espanha. O quadro se agravou nos últimos anos com a nova onda de imigração massiva, mas desta vez de imigrantes extracomunitários, principalmente de países pobres do Norte da África, da América Latina e do Leste Europeu. Esta imigração recente se constituiu em uma nova e mais profunda ameaça à identidade nacional catalã. Segundo o Anuário de 2003 (Aja & Nadal 2004) houve um aumento acelerado dos fluxos migratórios internacionais e, em consequência, da população de nacionalidade estrangeira residente na Catalunha desde metade dos anos noventa, assim como um aumento na irregularidade em que vive parte dessa população. Enquanto o fluxo de estrangeiros que chegava à Catalunha em 1996 não chegava a 9.000 pessoas, no ano de 2001 passava de 65.000. A aceleração do fluxo explica que o registro da população com permissão de residência tenha triplicado entre 1996 e 2003, até chegar às 383.938 permissões em vigor em 31 de dezembro de 2003, e 544.670 registros de residência em 1º de janeiro de 2003, representando 8,1% da população da Catalunha.

No decorrer desses anos também variaram de forma considerável as características sociodemográficas dos imigrantes estrangeiros: novas procedências emergiram, com especial importância para algumas nacionalidades latino-americanas (Equador, Peru e Colômbia), ao mesmo tempo em que a vontade de assentamento transformou os perfis sociodemográficos das populações estrangeiras, de novas e antigas origens (principal-

mente os marroquinos). Dos homens e mulheres jovens que foram os pioneiros do processo imigratório (majoritariamente no começo dos anos 90) cuja chegada repercutia quase que exclusivamente no mercado de trabalho, passou-se a partir do século XXI à progressiva importância do reagrupamento familiar, e à sua conseqüente presença em outros âmbitos como o sistema escolar e sanitário, e o mercado de moradia.

Se na metade dos anos 90 os comportamentos demográficos dos estrangeiros eram estatisticamente insignificantes, e tendo uma incidência nula no conjunto de fenômenos demográficos na Catalunha, no ano de 2002 os 9.564 nascimentos que contavam no mínimo com um dos progenitores de nacionalidade estrangeira representavam 14% do total. Os 3.564 casamentos com um dos cônjuges de nacionalidade estrangeira representavam 11,5% do conjunto de casamentos e, de todos os outros produzidos nos municípios de Catalunha, os efetuados por estrangeiros chegavam a ser 18,2%.

A mudança da procedência dos imigrantes – que passaram de castelhanos a extracomunitários –, assim como o significativo aumento desse fluxo migratório implicou em uma nova preocupação em relação à identidade nacional catalã. Essa nova preocupação incluiu também um novo elemento desestabilizador, a ‘raça’. As entrevistas que realizei mostram que, apesar das enfatizadas diferenças culturais entre catalães e castelhanos, tanto uns quanto outros são considerados como pertencendo à mesma raça caucasiana. Por outro lado, os imigrantes recentes extracomunitários são considerados como sendo de raças distintas se procedem da China, de países da África ou da América Latina, mesmo que alguns deles possam ter traços fenotípicos considerados parecidos com os caucasianos.

Neste sentido, as entrevistas com o pessoal médico mostraram a existência de uma preocupação com o país de origem da doadora de óvulos, ainda que fenotipicamente ela pudesse ter traços considerados

caucasianos, uma vez que se acredita que a herança dos caracteres físicos “pode pular uma geração”.

O medo específico das receptoras de óvulos catalãs de que a doadora pudesse ter traços indígenas, de que fosse procedente da América Latina, principalmente do Peru e Equador, pode ser explicado pelo aumento no número de imigrantes vindas desses países. Segundo dados referentes a 2003 (Aja & Nadal 2004), a maioria dos imigrantes na Catalunha procede da África (39,6%), seguidos pelos da América Central e do Sul (25,9%) de um total de 383.938 estrangeiros. De todas as mulheres estrangeiras residentes na Catalunha, 27% tem nacionalidade marroquina, seguidas pelas mulheres provenientes do Equador (8%), Peru (6,4%) e Colômbia (5,6%).

Portanto, o aumento do fluxo migratório extracomunitário apontou para um limite em relação à noção da nacionalidade catalã como inclusiva e cultural. Essa noção podia vigorar enquanto a maioria dos imigrantes era espanhola, considerados como pertencentes à raça caucasiana, – apesar de todas as diferenças culturais fortemente enfatizadas. Porém, a chegada em massa dos imigrantes extracomunitários coloca em foco a questão da raça. Raças diferentes talvez não sejam tão facilmente incluídas na nacionalidade catalã. A exigência das receptoras de óvulos catalãs de doadoras caucasianas mostra que a catalanidade baseia-se na cultura e na língua, mas depende, antes, da raça ser caucasiana. É importante notar a abrangência da noção de raça, que revela certamente uma preocupação fenotípica, mas que se constitui em relação aos países pobres, uma vez que, por mais diferentes que as mulheres catalãs possam ser das nórdicas, essa não foi considerada uma diferença importante para a aceitação de uma doadora de óvulos, já que catalãs, espanholas e nórdicas são consideradas como pertencendo à mesma raça caucasiana.

Stolcke (1994) sugere que o preconceito contra os imigrantes extracomunitários se baseia em uma retórica de exclusão que se apóia, por um

lado, em uma idéia nacionalista de Estado e, por outro, em uma nova noção de natureza humana xenófoba, isto é, que rejeita o diferente, o estranho, o de fora: “Essa noção implica na idéia de que as relações entre as culturas são inevitavelmente hostis, reificando as culturas como conjuntos compactos, distintos e imutáveis de valores e costumes incomensuráveis. O que não impede que atitudes xenófobas estejam mescladas com atitudes racistas, como quando se hostiliza um imigrante por ser negro. Ainda que o racismo consista em justificar formas de desigualdade socioeconômicas atribuindo-as às diferenças raciais, o fenótipo tende a servir atualmente como sinal de que a vítima é imigrante, rejeitado porque não é membro da comunidade nacional” (Stolcke 1994: 201).

A autora argumenta que não é todo estrangeiro que é rejeitado, são rejeitados alguns imigrantes concretos, os extracomunitários do Terceiro Mundo, que são excluídos seletivamente porque são pobres do Sul que pretendem compartilhar da riqueza do Norte. A idéia da xenofobia como natural leva à noção de que cada cultura deve permanecer no seu país, tomando não só os Estados-nações como homogêneos e imutáveis, mas como a própria cultura da Comunidade Européia como coesa e homogênea.

No caso das minorias nacionais que lutam para obter um maior grau de autogoverno a preocupação frente à imigração aparece como tendo um elemento a mais: um impedimento adicional à luta pela emancipação. Na Catalunha os mecanismos de intervenção nas políticas de imigração estatais são inexistentes, já que pelo artigo 149.1.2 da Constituição o Estado Espanhol tem a competência exclusiva sobre imigração, sendo que as Comunidades Autônomas podem apenas intervir nesse âmbito por meio das suas competências setoriais. Assim, a aparição de novos grupos que não se reconhecem no discurso nacionalista predominante pode ser visto como um impedimento adicional para a consecução dos direitos coletivos reivindicados.

Jordi Pujol declarou na década de 90 que: “é mais fácil inclusive integrar um ateu ocidental que um muçulmano, já que os esquemas culturais são diferentes. Na Catalunha ou em um país europeu é fácil integrar poloneses, italianos ou alemães, mas não igualmente um árabe que tenha uma forte vivência muçulmana, ainda que não seja um fundamentalista”. Pujol concluiu essas reflexões expressando seu temor diante das taxas diferenciais de natalidade entre o Norte do Mediterrâneo e o Magreb (Stolcke 1994: 202).

O jornal *El Periódico* de 24 de agosto de 2004 trazia a seguinte manchete: “Pujol alerta que a mestiçagem supõe o fim da Catalunha e reclama que o futuro Estatuto outorgue à *Generalitat* as competências em imigração”. O texto dizia: “‘Juntos, mas não misturados’. Esta é, mais ou menos, a teoria que ontem defendeu Jordi Pujol na Universitat Catalana d’Estiu. O ex-presidente da *Generalitat* defendeu a convivência entre os catalães e os imigrantes, assim como a integração dos recém chegados, mas advertiu que essa política deve ser feita ‘sem necessidade de chegar à mestiçagem’ ”¹². No dia seguinte o jornal trazia *on-line* uma pesquisa de opinião pública onde perguntava: “Você acredita que a mestiçagem pode ser prejudicial para a identidade de um país?”

Em relação à imigração há que se considerar que a Espanha até poucos anos atrás era um país demasiado pobre no contexto europeu para atrair imigrantes. Pelo contrário, foi durante muito tempo local de emigração, primeiro para suas próprias colônias, e depois para os Estados Unidos e Europa ocidental do Norte. Até que com o processo de democratização e com a cooperação econômica da Comunidade Européia passou a se desenvolver e a ser foco de atenção dos africanos do

¹² Deve-se observar que Pujol também declarava há uns anos atrás que as mulheres catalãs deveriam ter pelo menos três filhos.

Norte, principalmente os marroquinos, que começaram a chegar em grande número nos últimos 10 anos.

A Espanha passou de país pobre a país atrativo e, por isso, o recebimento de fluxos migratórios é mais recente que em outros países europeus ocidentais como a França, a Alemanha ou a Inglaterra, que lidam há mais tempo com a questão¹³. Talvez esse fato também sirva para explicar a autoclassificação racial espanhola e catalã como caucasiana, em um processo de identificação com os países mais ricos do Norte da Europa, e com a própria idéia de uma Comunidade Européia.

Discussão

A intensificação recente da imigração extracomunitária na Catalunha – expressa nas falas das entrevistadas pela idéia de que “vieram muitos e de repente” – coloca em foco a associação entre raça-nação-pobreza/riqueza. Na época da imigração massiva de castelhanos vindos de regiões menos favorecidas economicamente da Espanha já se colocava a questão dos imigrantes serem mais pobres e virem em busca de trabalho. Mas ao que parece, a catalanidade podia ser um traço cultural a ser integrado enquanto os imigrantes eram considerados caucasianos. A imigração extracomunitária massiva é vista como ameaçando a possibilidade da integração pelo grande número de imigrantes de ‘raças’ diferentes.

O uso do termo “mestiçagem” por Pujol mostra como a noção de raça volta com força em um panorama onde aumentou o número de imigrantes pobres de países extracomunitários. A tendência parece ser não

¹³ Há muitas citações populares que exemplificam como a Espanha era um dos “primos pobres” da Europa, como é o caso de dizer que “depois dos Pirineus começa a África”, ou a idéia da viagem de um espanhol para a Inglaterra percebida como “estou viajando para a Europa”.

apenas a de associar cada cultura à sua nação (como escreveu Stolcke) – e neste caso a Comunidade Européia passa a ser vista como uma ‘nação homogênea’ –, mas também a de associar cada nação a uma raça. Assim, as desigualdades entre países ricos e pobres também se traduzem em uma discriminação que utiliza as características físicas como lugar de inscrição das diferenças econômicas e sociais, com renovada atenção para que o fenótipo não escamoteie a herança racial associada às desigualdades.

Desta forma, o nacionalismo catalão parece estar em uma posição paradoxal que combina um aspecto essencialista com um atrelado ao liberalismo europeu, onde cada um faz as suas escolhas. Por um lado a nacionalidade pode ser uma escolha (pode-se aprender o catalão, viver e trabalhar na Catalunha), e por outro a essência catalã corre o risco de ser perdida ao ser miscigenada.

Cabe indagar até que ponto os catalães consideram que sua identidade nacional pode ser mantida quando ‘raças’ e fenótipos distintos começam a se misturar. É possível uma nação catalã na qual a maioria de seus membros fale o catalão, siga o modo de viver catalão, mas não seja caucasiana?

A pesquisa na Catalunha mostrou a importância da classificação racial para se ser aceito ou não no grupo, e como esta é menos fluida (se comparada ao Brasil, por exemplo), deixando pouca margem de eleição. Lembremos da preocupação em relação à não miscigenação presentes tanto na fala de Pujol quanto entre as receptoras de óvulos e o pessoal médico do hospital público e das clínicas privadas.

Neste caso, a noção do nacionalismo catalão como inclusivo e integrador, a adscrição voluntária, parecem referir-se aos membros da Comunidade Européia caucasianos, sendo que a integração esbarra na raça, que não deve ser misturada.

O próprio fato dos catalães se autotransclassificarem como caucasianos revela uma vontade de identificação como membros de uma Comunidade Européia fortificada e rica, representada como homogênea tanto do ponto de vista de uma cultura mais ampla como de raça. Esse desejo de identificação pode explicar porque as diferenças fenotípicas entre catalães e membros de outros países do Norte da Comunidade Européia, por exemplo, sejam desconsideradas, enquanto a idéia de pertencimento a uma mesma raça caucasiana é realçada.

A pesquisa mostrou como raça e nação são noções que se constroem mutuamente. Isto é, tanto a raça pode definir a origem nacional, quanto a nação pode definir a origem racial. Cada nação (ou grupo de nações) aparece como tendo sua própria cultura e sua própria raça. O fenótipo, que inclui a cor da pele, também funciona como indicador visível de origem estrangeira. Mas nos casos estudados de reprodução assistida, a origem se torna mais importante que o fenótipo, visto que este último pode mascarar a verdadeira origem racial.

Para finalizar enfatizo outro aspecto ambíguo da situação catalã. Em relação ao Estado espanhol a postura é de exigência de que a Espanha não ignore o diferente, que seja uma Espanha plural baseada no reconhecimento da singularidade do outro e, portanto, no diálogo, na negociação e no consenso. Maragall, Presidente da *Generalitat* enfatiza que: “a nação não é nem pode ser uma unidade imposta, mas querida e aceita voluntariamente; que a unidade da Espanha pode e deve ser multicêntrica e plural; e que a gestão do plural rechaça a idéia de poder como imposição e demanda uma concepção do poder como negociação”¹⁴. Mas quando o assunto é a pluralidade dentro da Catalunha esta parece não estar muito presente, como demonstram os discursos de Pujol sobre a mestiçagem e muitas das falas de meus entrevistados.

¹⁴ *La Vanguardia* de 30/01/2005.

Bibliografia

- AJA, Eliseo & NADAL, Mònica (dir.). 2004. *La immigració a Catalunya avui: Anuari 2003*. Barcelona: Mediterrània.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1995. "Identidade catalã e ideologia étnica". *Mana*, 1(1):9-47.
- CONVERSI, Daniele. 1997. *The Basques, the Catalans and Spain: Alternative Routes to Nationalist Mobilization*. London: Hurst & Company.
- COSTA, Rosely Gomes. 2001. *Concepção de filhos, concepções de pai: algumas reflexões sobre reprodução e gênero*. (tese de doutorado em Ciências Sociais) Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- _____. 2002. "Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção". *Revista de Estudos Feministas*, 10(2):339-56.
- _____. 2003a. "Tecnologias reprodutivas e racialização." *ComCiência*, 49. (<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/19.shtml>)
- _____. 2003b. "Tecnologias reprodutivas e atribuições de paternidade e maternidade." In GROSSI, Miriam Pilar; PORTO, Rozeli; TAMANINI, Marlene. (orgs.): *Novas tecnologias reprodutivas conceptivas: questões e desafios*, pp. 69-77. Brasília: Letras Livres.
- _____. 2004. "O que a seleção de doadores de gametas pode nos dizer sobre noções de raça." *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, 14(2):235-55.
- COSTA, Rosely Gomes. 2006. "Aspectos comerciais da doação de gametas: um problema ético." *SérieAnis*, 46:1-5.
- _____. 2007. "Racial Classification Regarding Semen Donor Selection in Brazil." *Developing World Bioethics*, 7(2):104-11.
- DINIZ, Débora & COSTA, Rosely Gomes. 2006. "Infertilidad e infecundidad: Acceso a las nuevas tecnologías reproductivas." In CÁCERES, Carlos F. et al. (eds.): *Sexualidad, estigma y derechos humanos: Desafíos para el acceso a la salud en América Latina*. Lima: FASPA/UPCH.
- GUIBERNAU, Montserrat. 1997. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HIRSCHFELD, Lawrence A. 1999. "La règle de la goutte de sang ou comment l'idée de race vient aux enfants." *L'Homme*, 150:15-39.

- JULIANO, Dolores. 1987. "El discreto encanto de la adscripción étnica voluntaria." In RINGUELET, R. (comp.): *Procesos de contacto interétnico*, pp. 83-112. Buenos Aires: Búsqueda.
- LLOBERA, Josep. 2003. *De Catalunya a Europa: Fonaments de la identitat nacional*. Barcelona: Anagrama.
- STOLCKE, Verena. 1994. "Mães para uma nova pátria européia." *Cadernos Pagu*, n. 2:375-82.

Recebido em junho de 2007

Aprovado para publicação em agosto de 2007

